

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE ENFERMAGEM

**NUPEQS - Núcleo de Pesquisas e Estudos
sobre Quotidiano em Saúde**

Sub Grupo História Oral

***A História da Escola de Enfermagem Carlos
Chagas***

IRMÃ CECÍLIA BHERING

Belo Horizonte

Minas Gerais

Traços Biográficos

IRMÃ CECÍLIA BHERING

Irmã Cecília, nome de congregação é conhecida, atualmente como Irmã Marta Silva Bhering. Nasceu em Viçosa, Zona da Mata de MG em 19 de junho 1919.

Iniciou o curso de enfermagem no Instituto Luiza de Marillac na cidade do Rio de Janeiro e por necessidade da congregação foi transferida para Fortaleza, onde terminou o curso. ^{em 1949} Trabalhando como enfermeira na maternidade da Santa Casa de Misericórdia naquela cidade sentiu-se despreparada para o trabalho em obstetrícia, o que a levou a fazer o curso de pós-graduação em obstetrícia na Escola Paulista de Enfermagem. ^{em 1952}

Em 1957 foi para Belo Horizonte com o ideal de criar um curso de Especialização em Obstetrícia na Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC). Atuou como docente na EECC e na Cruz Vermelha até 1960.

Tem valorizado de forma marcante o que ela denomina de obstetrícia social desde a sua atuação no curso de especialização e como enfermeira chefe da clínica obstétrica do Hospital das Clínicas. ^{pedição periferia das cidades de São Paulo} Foi presidente da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) no período de 1957 a 1960. ^{→ "obstetrícia social"}

Deixando a atividade de docente, continuou fazendo pré-natal no seu consultório, em São Paulo. Atualmente é presidente da CENPLAFAM - Centro de Planejamento Familiar. "Conseguiu articular os Centros e Núcleos e outras experiências mais simples de Planejamento Natural pelo Brasil em uma Confederação" conforme Informativo da Confederação Nacional de Planejamento Natural da Família (CENPLAFAM Ano 1 - no. 2 - Abr/Mai, 1996). ^{18/10/80}

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

Dados pessoais; a entrada no curso de Enfermagem; a experiência no Hospital da Criança da Cruz Vermelha de São Paulo; a ida para a escola de Enfermagem do Rio de Janeiro; a sua transferência para a Escola de Enfermagem de Fortaleza; o trabalho na Maternidade da Santa Casa de Fortaleza; a sua especialização em obstetrícia na Escola Paulista de Enfermagem; o significado do curso de especialização em obstetrícia; o trabalho no Hospital Militar do Exército; o ensino do professor Álvaro Guimarães; a ida para Belo Horizonte; a organização do curso de pós-graduação na Escola de Enfermagem Carlos Chagas; a diferença de aparar menino e fazer o parto; referência ao professor Hermínio Pinto; o tempo do curso de especialização em obstetrícia na Escola de Enfermagem Carlos Chagas e o horário que era realizado; o motivo do fechamento do curso de especialização em obstetrícia na Escola de Enfermagem Carlos Chagas; a confiança dos médicos no trabalho das professoras de obstetrícia da Escola de Enfermagem Carlos Chagas; a relação com os acadêmicos de medicina; a indicação do nome da dona Elza para dar maiores informações de suas experiências no curso de especialização em obstetrícia na Escola de Enfermagem Carlos Chagas; a responsabilidade pelo pré-natal no Hospital das Clínicas; a relação das alunas de graduação com o curso de especialização; as aulas para graduação; a origem das alunas da especialização; a moradia das alunas da especialização; a criação da Obstetrícia Social; o significado da Colmeia; o trabalho de Conceição Assunção na Colmeia; a doação do terreno da Colmeia pelo professor Clóvis Salgado; o curso de especialização na EECC e a sua divulgação; os professores da EECC que se envolveram no curso de especialização; o conteúdo teórico do curso; o trabalho na Escola de Enfermagem Carlos Chagas; a sua relação com as alunas e com a Escola de Enfermagem Carlos Chagas; a moradia em Belo Horizonte; a relação da direção da Escola de Enfermagem Carlos Chagas com as freiras; o ensino na Escola de Enfermagem Carlos Chagas; a reprovação e a expulsão de alunas; a relação com a Escola Hugo Werneck; as obrigações exigidas pela congregação; a saída da Escola de Enfermagem Carlos Chagas.

FITA 1 LADO B

Outras atividades em Belo Horizonte além da Escola de Enfermagem Carlos Chagas; referência à Aparecida Freire; o trabalho social de obstetrícia na Colmeia; a relação com a Escola de Enfermagem da Cruz Vermelha; o período de sua presidência na ABEn de Minas Gerais; o seu parentesco com Marina de Andrade Rezende; referência à irmã Percília; a participação na Semana da Enfermagem na USP; o ensino de enfermagem depois das mudanças curriculares; a relação com os acadêmicos de medicina; a relação aluna e paciente; a relação entre a teoria e a prática; o seu curso de enfermagem; a localização dos registros na Escola de Enfermagem Carlos Chagas; a imagem que a sociedade tinha da enfermeira nas décadas de 40 e 50; referência à Yole, Waleska Paixão e Laís Moura; o SESP; as viagens para Viçosa; a entrada de alunos no curso de enfermagem e no curso de obstetrícia

FITA 2 LADO A

A atuação de um residente de medicina no período expulsivo de um parto; a sua saída do hospital; o seu trabalho após a saída do hospital; a utilização do método de ovulação; Amparo Maternal; referência ao professor Guimarães; criação do Grupo de Planejamento Natural de Família; referência à Maria José Torres; método tabelinha; método térmico; métodos anticoncepcionais aceitos pela igreja católica; realização de trabalhos com embasamento científico e não religioso; reconhecimento internacional do Grupo de Planejamento Natural de Família; a participação na Conferência Internacional da Atenção a Família; o escândalo causado pelo seu trabalho nesta conferência; o exemplo das africanas para as crianças; a dedicação na obstetrícia; o parto de uma menina de rua; o momento que está vivendo; referência a um casal de missionários; a importância da enfermagem voltar às fontes; o amor pela sua profissão; a revelação de seu livro; o curso em Manaus; o prêmio da ONU.

FITA 1 LADO A

Valda: Irmã Cecília é, a senhora podia colocar para gente o nome completo da senhora.

Ir. Cecília: Irmã Marta, nós hoje não usamos mais irmã, não é, é Marta Silva Bhering.

V.: Marta Silva Bhering!

C.: É.

V.: A senhora é conhecida mais como Ir. Cecília ou como Marta? [riso]

C.: Hoje, eu estou conhecida como os dois, não é? As pessoas mais antigas ainda me chamam de Cecília, mas, os mais novos estão me chamando de Marta.

V.: Hum, hum. A senhora queria falar para gente como é que foi a entrada da senhora na, no curso de enfermagem? Nessa opção pela enfermagem?

C.: Olha, a minha opção pela enfermagem foi..., você sabe, como religiosa, nós não tínhamos praticamente uma opção, então, eu fui colocada em primeiro lugar é, na época de 45, 44, eu fui colocada no hospital de criança da Cruz Vermelha aqui de São Paulo. E, eu não sabia nada de enfermagem. Nada, nada, nada... Nunca tinha mexido com doente, aprendi tudo graças aos bons médicos que me ajudaram muito e também a minha irmã coordenadora que era enfermeira, e que nos ajudou. Então, a gente foi sentindo assim uma necessidade de fazer um estudo. Então, eu me ponderei com minha provincial e disse para ela que era justo que eu estudasse para prestar bem o serviço aos doentes. Então, eu fui para a escola no Instituto Marilac no Rio e fiz o meu curso de enfermagem. Mas quando estava terminando o curso de enfermagem, houve uma necessidade de eu ir para Fortaleza. Então, eu terminei três matérias do meu curso, terminei... na Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, em Fortaleza. E lá em Fortaleza, eu comecei a trabalhar também, como na Santa Casa abriu um pavilhão de maternidade, então, eu fui para a maternidade.

Estelina: Então, o certificado da senhora é de Fortaleza?

C.: É de Fortaleza. É. ... eu fui em... deixa eu ver... quando eu...

V.: Quando que foi esse, isso? Em que ano que foi, a senhora se lembra?

C.: Que eu terminei o meu curso...

V.: ... o curso.

C.: ... de enfermagem? Foi em... em...i. 49.

V.: Em 1949?

C.: 49, ou melhor, pera aí... 50, cinqüenta e... tá certo! Tá! Então, eu terminei o curso e tive que começar a fazer, a trabalhar com obstetrícia. E comecei a ver que não tinha capacidade, o meu, o curso não tinha me dado uma capacidade suficiente para trabalhar com obstetrícia como nos era entregue os casos. Então, eu comecei a fazer o (inaudível), foram dois anos muito válidos. E eu vivo dizendo: “quem vai fazer uma especialização, primeiro põe a mão na obra, vá trabalhar primeiro, depois a gente chega no curso de especialização sabendo quais foram as dificuldades que eu tive.” Então, o curso para mim vai ser para tirar as minhas dificuldades, para esclarecer, porque que eu errei em tal lugar, porque que eu não fui... então, aí eu vi, vim para São Paulo, fui transferida para São Paulo e fui fazer o curso na Escola Paulista de Enfermagem. E naquela época era o curso de pós-graduação em obstetrícia. Nós fomos a segunda turma da, da escola. Então, fiz o curso com essa felicidade, eu estava lá querendo saber tudo aquilo que eu tinha errado então, aproveitei muito do curso, era um curso muito apertado, nos exigia muito, todas nós conhecemos perfeitamente a saudosa e querida ^Mmadre Domineuc, não é?

V.: Hum, hum.

C.: Que conviveu com a gente, e convive até hoje, que ainda está viva, então que nos deu essa formação. Depois, eu passei uns tempos aí no Hospital Militar do Exército também, que senti, foi a primeira vez que eu apliquei aquilo que o professor Álvaro Guimarães nos ensinou, para nós fazermos no interior onde não existisse médico, mas infelizmente eu fiz no Hospital Militar do Exército dentro da Grande São Paulo, fiz um fórceps sozinha, a primeira vez. Foi graças a Deus saí muito bem. Entendeu?

V.: Hum, hum.

C.: E depois daí então, eu fui para Belo Horizonte.

E.: Isso foi em que ano?

C.: Em Belo Horizonte, eu fui em... deixa eu ver...quando eu fui, cinqüenta e..., sessenta..., 68, foi por aí. Depois as datas eu confiro e dou para vocês.¹

V.: Hum, hum.

¹ Segundo registros da EECC, a sub para Belo Horizonte foi em 1958.

C.: Então, eu fui para Belo Horizonte. Lá em Belo Horizonte, a gente chegando, estava assim com aquele, com aquele ideal que lá na Escola também tivesse esse curso de pós-graduação em obstetrícia. Então começamos a ver o quê que nós podíamos fazer. Eu fui primeiro, conversamos lá na escola e depois eu fui conversar com o professor ^{otto cirne} [Oton Silva], que naquela ocasião era o chefe de disciplina, né, da, da obstetrícia.

V.: Na, na faculdade de medicina?

C.: Na faculdade de medicina. Ele ficou muito feliz com a idéia e me disse: “Apoio absolutamente, já conheço o seu serviço aqui na maternidade, você sabe muitas vezes, que eu fico tranqüilo quando eu chego, que você está aqui.” Então, aí ele, nós começamos a... e, e, e quem gostaria de... Então, nós tivemos doze alunas para fazer pós-graduação em, em Enfermagem Obstétrica. Então, fizemos um curso como era exigido, viu? Com as horas de trabalho, quantos casos cada uma teria que dar, não é, quer dizer, assistência pré-natal, cem casos de assistência pré-natal, tinha que dar a, cinquenta casos patológicos, cento e vinte casos normais, quer dizer, fazer cento e vinte partos, não é aparar menino não. [risos] Fazer o trabalho de parto, esse, esse era contado, do contrário não era.

V.: Qual a diferença em aparar o menino e fazer o, o...

C.: ... aparar o menino é aquele que chegou nascendo e você fez o parto.

V.: Ham, ham. Na hora. Não acompanhado?

C.: Não acompanha...

V.: ... não preparado?

C.: ... não, não acompanhou, durante todo o ritmo do parto, entendeu? Quem não acompanhou direitinho. Então, conseguimos e então foi preparada a primeira turma de enfermeiras e foi uma, uma colação de grau muito bonita, estava presente o professor ^{cirne} [Oton Silva], o professor Hermínio, né, Hermínio Pinto, que hoje também é falecido.

E.: Em geral, era quantos anos esse curso?

V.: Um ano.

E.: Ah, era durante um ano!?

C.: Um ano.

E.: É horário... o dia todo?

C.: Integral, integral.

E.: Horário integral.

C.: Integral.

E.: Isso significa manhã, tarde ou também a noite, como é que era esse horário?

C.: A noite, por exemplo, se a aluna está acompanhando um trabalho de parto e não resolveu o trabalho de parto, ela continuava a noite.

E.: Ah, sim.

C.: Que ela não deixava a paciente Quando era à noite...

V.: ... quem começava...

C.: ... tinha que terminar...

V.: ... ia até o fim.

C.: ... tinha que terminar. Eu me lembro que uma vez na Paulista eu fiquei três dias e três noite com uma eclâmpsia.

V.: Hum, hum.

C.: Com uma eclâmpsia, entendeu? Então, tinha que terminar... nós fizemos esse regime e todas elas agradeceram muito de terem aprendido realmente obstetrícia. Agora mesmo, teve uma do norte aqui comigo, me disse: "Se você soubesse quanto me vale tudo com que eu aprendi, eu sozinha lá naquele interior de Fortaleza, o quê que eu faço lá," entendeu? Então, fizemos a primeira turma, depois esperávamos que tivéssemos assim uma segunda turma, mas mudou a diretoria da Escola e tudo mais, e acharam que não era ideal.

V.: Hum, hum.

E.: E, e, e a senhora tem uma idéia de porquê que acharam que não era ideal essa especialização? Quais eram os motivos desse não ser ideal essa?

C.: Eles achavam assim, que prendia muito as alunas, que depois ia ficar todo só querendo saber de obstetrícia porque aquilo era tudo muito controlada, aquilo tudo era muito...viu? E, e, uma coisa, existia uma, uma confiança muito grande dos médicos conosco, ouviu? Por que a apresentação dos acadêmicos, tanto dos acadêmicos como dos residentes para nós que o professor fazia era o seguinte: "Aqui estão as que sabem obstetrícia, vocês sabem no livro, elas sabem na barriga e na, e na mulher. Agora, se vocês não acatar, elas não vão falar nada pra vocês; vocês é que vão se sair mal, aproveitem delas." Então você vê, tudo isso era uma responsabilidade para nós, não é,

e uma, uma, um ponto de que nós, que eles tinham confiança. Então, eles não faziam nada sem vir nos perguntar, nada, eles não receitavam nada sem vir perguntar. A dona Elza que está lá, pode contar para vocês, dava risada, viu?

V.: Elza Lanza?

C.: É isso, é. Quando eles chegavam perguntando: “O quê, que eu faço dona Elza?” Ela com aquela cara: “Eu não sei.” “Ah, e agora já sei dona Elza, nós estamos fazendo errado, né, se a senhora já está com essa cara, a senhora e a irmã, a irmã quando vai andando a gente já sabe que está tudo errado e a senhora também, quando faz isso a gente tá fazendo as coisas erradas.” Então, criou isso, viu? Foi uma época assim, muito bonita na enfermagem. Agora vocês imaginam, num hospital escola, medicina, nós somos responsáveis pelo pré-natal, que nós tínhamos um atendimento de quarenta e cinco, cinqüenta mulheres por manhã e nós passávamos para o médico três a quatro casos, eu acho que isso era muito importante e, e existia a participação da mulher, entende? Isso que era bonito, que nós educávamos a mulher. Então elas, elas não vinha preocupada, de ser a primeira da fila, porque elas sabiam que seriam atendidas, elas traziam a, já chegavam pedindo o tubinho e a vasilha, elas iam, faziam o xixi e já botavam no tubinho. Nós já fazíamos a albumina, saber se precisava de, de. Então, era assim uma, uma coisa de muita responsabilidade, nós tínhamos muita satisfação porque correspondia a sala de parto que era maravilhosa, porque a, com um bom pré-natal que é a figura de uma, de uma sala de parto. [barulho de buzina]

V.: Qual a relação que tinha o curso de especialização ou a, a, a relação da senhora com as alunas de graduação?

C.: Ah, muito boa, muito boa, todas elas, quando elas iam pra fazer estágio de obstetrícia elas todas diziam: “Nós vamos fazer especialização.”

V.: Sei, então a senhora, mas a senhora dava aula também para graduação?

C.: Também para elas. Para elas também, na graduação.

V.: Essas alunas que fizeram curso de especialização eram vindas de onde?

C.: Teve do norte, teve daqui de São Paulo, teve uma da ..., norte que eu digo, foi do Ceará, teve uma da Bahia, (...) teve de outros lugares, eu separei tudo isso para te dar, você sabe, eu não sei onde eu coloquei, mas eu te mando.

V.: [riso] Sei.

E.: E elas ficavam em Belo Horizonte no internato?

C.: Ficavam em Belo Horizonte, elas tinham internato lá no, no, no, como chama aquela rua lá em cima? Em Belo Horizonte, onde tinha, onde tinha...

E.: Na Estevão Pinto?

C.: Acho que era.

V.: Na Serra [bairro de Belo Horizonte]?

C.: Na Serra.

E.: Na Serra.

C.: É, tinha um lá. Depois, você sabe, que com isto, nós criamos a nossa, nós tínhamos a Obstetrícia Social.

V.: Hum.

C.: Então, nós tínhamos as mães solteiras, que nós cuidávamos.

E.: Ah, era, era, era casa que, que...

C.: ... e aí, aí nós, com a cara e com a coragem alugamos uma casa, entendeu?

E.: Ham. Isso após a, a, quando, depois que terminou...

C.: ... durante o curso...

E.: ... ah, durante o curso.

C.: ... durante o curso, depois continuou, que hoje é a, a Colméia, entendeu?

V.: Hum, hum.

C.: A Colméia começou conosco.

E.: E, e de que forma começou essa casa?

C.: Essa casa [gagueira], não é, uma rua que tinha assim, uma casa amarela do lado de cá, não me lembro o nome, essa casa que alugamos.

V.: Perto da escola de enfermagem...

C.: ... perto da escola.

V.: ... já na, no Santa Efigênia [bairro de Belo Horizonte]?

C.: É, ali que nós alugamos uma casa.

V.: Como é que surgiu a idéia dessa casa?

C.: Por que nós, nós, fazia parte do curso a Obstetrícia Social.

V.: Ah, sei.

C.: Entendeu? Então, nessa Obstetrícia Social, nós tínhamos que dar, tinha um lugar onde nós pudéssemos acolher algumas mulheres que não tivessem condições e nós ajustarmos na família, não é, porque nós não tínhamos a preocupação de casarmos a mulher não, nós tínhamos o quê: preocupação que ela amasse o seu filho, que ela quisesse o seu filho, que ela criasse o seu filho, agora, depois era outra coisa. Mas que ela assumisse o seu filho, não é? Então, ela não tinha nada de graça, não é, tudo que elas, o que elas faziam de, de material de limpeza, de confecção, tudo isso a Conceição Assunção nós ajudou muito, né, que depois ela assumiu a Colméia. O professor Clóvis Salgado nos deu o terreno, né, que fica lá com a Colméia, foi doação do professor Clóvis, que ele gostou muito do trabalho e doou o terreno para nós, não é? A Conceição Assunção foi a Belo... a, a Paris fazer o curso (inaudível) para tratar das mães solteiras e do, da prostituição, viu? Então, era assim, uma coisa, tudo muito entrosada, viu? E, até os acadêmicos respeitavam muito quando se dizia, às vezes eu estava sentada conversando com uma mãezinha, eles diziam assim: “A irmã agora não atende não, ela está conversando com aquela mulher, não vai atender, ouviu?” Então, era isso. E elas fizeram, todas elas, cada aluna tinha que ter dez casos sociais.

V.: Hum, hum.

C.: Também fazia, fazia parte do, das exigências nossas. Agora, por exemplo, aluna que não deu conta da, do trabalho, ela continuava fazendo o trabalho, entendeu, ela só saía da, do curso quando ela ter..., desse conta das suas funções.

E.: Tá, tinha um mínimo que...

C.: ... um mínimo que ela precisava fazer.

E.: ..., que ela precisava dar conta?

C.: É, ela tinha que ter cento e vinte partos normais, ela tinha que ter cinquenta casos patológicos, ela tinha que ter duzentos casos de pré-natal, entendeu, e tinha berçário, eu não me lembro agora quantos casos, ouviu? Então, tudo isso era acompanhado por elas, entendeu?

V.: Esse curso especialização estava, é... baseado em que, você teve um outro anterior que serviu de modelo, vocês que criaram?

C.: Não, servia de modelo aqui, o quê eu fiz aqui em São Paulo.

V.: A senhora levou a, a experiência daqui... para São Paulo, ah, para Belo Horizonte?

C.: ... para São, para Belo Horizonte, é.

V.: Como é que foi a divulgação desse curso, se teve gente de várias partes do país?
Como é que foi essa, esse início de curso?

C.: Quem fez muita divulgação foi a madre Domineuc

V.: Ah, sei.

C.: Ela falou muito...

V.: ... daqui de São Paulo!

C.: ... que teria o curso em Belo Horizonte e que ela aconselharia ir fazer uma experiência em Belo Horizonte.

V.: Qual dos professores da Escola de Enfermagem Carlos Chagas assim, que se envolveram nesse projeto?

C.: Ah... Bom, da Escola mesmo não teve nenhuma não. A Vitória chegou, ela me escreveu perguntando se ela podia..., se eu aceitava para ela ir me ajudar, então, ela foi. Foi a Vitória, a Ione, a Yole foi, foi aluna do curso.

V.: Ah... Qual Vitória que a senhora está colocando?

C.: A Vitória, aquela bahiana, pequeninha, [da fazenda]

V.: Ah, da Escola de Enfermagem!

C.: Da Escola de Enfermagem. Foi ela, foi para lá e eu que a levei ela para lá.

V.: Por causa disso?

C.: Foi, por causa disso. Mas, se dava uma aula sobre placenta que você caia o queixo.
[riso]

E.: E era quantas professoras, além da senhora, quem mais dava o curso?

C.: Eu, Vitória, a... Elza Lanza, e, depois, no fim chegou a Aparecida.

V.: Aparecida Freire?

C.: Aparecida Freire, é. Ela chegou.

V.: Todo conteúdo teórico então, era dado só por vocês?

C.: Só por nós, tudo, tudo era dado por nós.

E.: Quer dizer, que os médicos não contribuía nesse curso?

C.: Por exemplo, nós tivemos um caso de, como chama quando o sangue não coagula?

V.: É, hemofilia?

C.: Não. Eu esqueci o nome. Conseguimos um caso lindíssimo, tivemos esse caso. E uns dias antes, a dona Elza me chamou, estava, tinha acabado de deitar, ela mandou me chamar. Estava na sala de parto com esta mulher. E a mulher gritava assim: “Não me deixe morrer, eu tenho quatro filhos em casa para criar, não me deixe morrer”. E eu cheguei, e dona assim comigo, eu peguei, espontaneamente abaixei e botei o dedo no chão, no sangue. “Não é possível que a senhora vai me exigir limpeza”, ela gritou comigo, ouviu? Eu falei: “não, eu só quero saber a que horas esse sangue caiu?” Ela me disse que fazia duas horas que ela estava lidando com essa mulher, ouviu? Então, aí nós, é, eu me lembrei de um professor que era da, da Santa Casa e ele tinha dado uma aula belíssima, e eu fui assistir uma palestra dele sobre isso, viu? Então, este caso nos levou a trazê-lo de novo para nossas alunas, porque foi um caso muito bonito, ele nos deu milhões de parabéns, porque nós salvamos a mulher, ouviu? Nessa ocasião quem estava, regendo a disciplina era a doutora Margarida, lembra dela? Iracema Margarida, sem experiência nenhuma naquela matéria, não sabia nada, nada, nada sobre obstetrícia. E ela então, no, chegou no momento e queria levar a mulher para cirurgia. E eu sempre pedi: “ai não doutora Margarida, pelo amor de Deus, a senhora não vai nos fazer perder um caso tão bonito deste, operando essa mulher.” Aí, um dos acadêmicos disse: “Eu vou doar sangue.” Aí, desceu correndo, viu? Voltou com sangue e na hora que eu fui mudar, eu vi que o sangue já estava coagulado. Eu disse doutora Margarida... “Calma, não peça centro cirúrgico.” Aí, começou a haver coagulação do sangue e ela salvou-se, viu? Então, esse nós então recorreremos a eles. O professor [Oton^{cirme} Silva] gostava muito de ir também falar alguma coisa sobre as experiências, e, e ele, e também elogiar o nosso trabalho, viu, de ver como a clínica estava maravilhosamente bem. Ele recebeu dois médicos novos, um foi doutor Renzo, que hoje é falecido, e chegou aos médicos e nos apresentou. Estava eu, dona Elza e a Vitória. “Estão aqui as suas, os seus professores, aprendam com eles, com elas.” Não se (inaudível) eles e fez tudo pela obstetrícia, e coisa, e, e tomamos a frente o trabalho com ele, então foi muito bonito. Tivemos outro caso belíssimo, ah... gravidez mais mola hidatiforme. A gravidez estava em cima e a mola embaixo, foi lindo esse caso, mas infelizmente um santo professor, que agora me falta o nome dele, um assistente, podia resolver, pegar a mulher para sala e fazer uma, dá uma aula e fez um toque.

Então, nós perdemos o bebê, ele iniciou o trabalho de parto. E tivemos um outro caso que deu agora no, no, num dia desses deu na televisão, viu a gravidez fora do útero, pélvica. Nós tivemos lá e também salvamos o bebê, viu e a mãe e tudo. Então, tudo foi assim coroadado com muita coisa bonita, por isso que eu digo: “que a enfermagem precisa de assumir o seu papel, viu? A enfermagem precisa de, de, de tá ali firme nessas coisas gente, nós temos capacidade para fazer isso. Nós não já éramos não, eu acho que a gente tem que...” [riso]

E.: Quanto tempo é, que a senhora ficou na escola?

C.: Três anos, foram três anos.

E.: Três anos?

C.: É.

E.: E além dessa participação da senhora na especialização, que lembrança que a senhora tem, de outras participações da senhora na escola ou na administração ou como professora ou no contato com as alunas, a gente gostaria que a senhora recordasse um pouco essa, essa história...

C.: ... o meu contato com as alunas foi muito bom, até casei aluna com, com acadêmico e tudo, foi muito bom, eu nunca tive problemas com aluno, como nunca tive problema com médico, até hoje digo para vocês, eu trabalhei quarenta e cinco anos em sala de parto, do norte ao sul do país, nunca tive um problema com médico, nunca, graças a Deus. Com aluno nunca tive, aqui na USP, elas sempre fizeram muito estágio comigo, ouviu, na, nas periferias onde eu trabalho e a Maria Amélia, que hoje é professora da USP também, ela disse assim: “Eu me lembro tanto da senhora e a inspecção. E eu fiquei procurando o quê, que era inspecção, e não sei o que, e eu fiquei procurando o quê, que era, aí, quando eu vi que eu estava terminando o meu curso de enfermagem, que eu não sabia nada disso irmã...” Aí, ficou muito tempo comigo fazendo estágio nas periferias. Você sabe que eu ainda faço parto até hoje, mas nas periferias, né? Às vezes, eu vou a maternidade, sabe, a gente não tem distinção de pessoa se é rica ou se é pobre, precisou a gente atende. Então, a, a menina, como que chama Daugiza? Daugiza que era uma professora lá da escola? Eu acho que ela ainda está viva, não tá? Está muito doente, também era muito boa pessoa, a dona Walesca que estava sempre lá com a gente, viu, era uma pessoa

maravilhosa, ouviu? Então, eu nunca tive problema, nem com a escola e nem com alunas.

V.: Quem era, quem estava na direção da escola quando a senhora entrou na Escola de Enfermagem Carlos Chagas?

C.: Quem estava..., espera aí, deixa ver se eu me lembro. Eu sei que depois entrou a irmã Emília Clarízia.

V.: A senhora teve antes da...

C.: ... antes...

V.: ... da irmã Emília?

C.: ... antes, é. Quando a irmã Emília Clarízia entrou, ela também não queria o curso de obstetrícia, foi uma das que, que não quis.

V.: Hum!

E.: E qual o motivo alegado por ela?

C.: Não sei.

E.: Também não...

C.: Não sei, ela não quis.

V.: Onde a senhora morava em Belo Horizonte?

C.: Morava no Hospital São Vicente.

V.: Junto com a, com a, com as outras freiras?

C.: Com as outras. Naquele tempo ainda usava hábito.

V.: Hum, hum, E..., quem levou a senhora para lá foi a direção antes da irmã Clarízia?

C.: Da, da irmã Clarízia, foi.

V.: Né? Que desejou que o curso de especialização fosse para lá...

C.: ... fosse para lá.

V.: ..., a senhora foi para lá mais com esse objetivo?

C.: Com esse objetivo.

V.: De trabalhar com as enfermeiras em, em especialização?

C.: Em obstetrícia, é.

V.: Hum, hum. É, alguma coisa que a senhora se lembra da, da direção da escola, da relação da direção da escola com a, como é que eu vou dizer, da, das freiras com, na direção da escola? Como é que era essa relação...?

C.: Era boa.

V.: ... com as outras professoras, alguma coisa, algum contato especial que a senhora se lembra?

C.: Não, era muito bom, mesmo porque, antes tinha sido diretora de lá a irmã Villac, não é, irmã Villac também foi diretora lá...

V.: Hum. Foi a primeira leiga.

C.: ... da escola, é.

V.: A senhora se, sabe como é que foi essa entrada das freiras na, em Belo Horizonte, na direção da escola? A senhora tem informações?

C.: Não, não tenho, entendeu? Eu sei que a irmã Villac foi de lá, fez um trabalho muito bom lá, que era uma pessoa capacitada mesmo, ouviu, e ela esteve lá por um bom tempo na escola, depois eu me lembro de outra que foi diretora da escola foi a irmã Emília Clarízia.

V.: Certo.

C.: Se eu não me engano era irmã Rosa Clarízia, né?

V.: Isso.

C.: Irmã Rosa.

V.: E quando a senhora saiu de lá, ainda era a irmã Emília?

C.: Ainda era ela. Quer dizer, terminou o curso, eu continuei na escola na, na, na, só na obstetrícia, porque aí entrou Vitória para obstetrícia.

V.: Pra graduação?

C.: Pra graduação.

V.: Hum, hum. Nesse período que a senhora estava lá na escola, a senhora se lembra, podia colocar para gente como era o ensino de um modo geral?

C.: Olha, eu sei...

V.: ... de enfermagem.

C.: ... que o ensino era muito bom, era um ensino muito bom, era muita exigência, ouviu? Naquela ocasião ainda existia, que hoje quase a gente não ouviu dizer que uma aluna foi reprovada, naquela ocasião existia reprovação na escola, ouviu? E existia assim, muita seriedade mesmo, viu? Você vê elas tinham sua residência lá, mas elas tinham muito compromisso com seus trabalhos, com a escola e tudo. Então, eu acho

que foi, a Escola Carlos Chagas para mim tem uma conotação muito grande, na formação, não só na formação intelectual como também na formação profissional do aluno, ouviu, porque às vezes a gente fica só pensando na ciência e não vê na sua, seu papel diante do doente, não é, diante da família, não é, diante do médico, para mim a Escola Carlos Chagas dava formação muito bom mesmo.

E.: E, e como que a senhora se lembra dessa formação, qual a direção de, de que forma era dado essa, essa formação?

C.: Eu creio que era dado muito através do, da, das pessoas que davam, porque você vê muitas vezes não é a palavra, muitas vezes é o exemplo, não é, é o ser, é a presença da pessoa ali com o doente, não é, é o carinho com doente, é tudo isso; e isso a gente sentia na escola, viu que existia um respeito com o doente, que o doente não era o nosso paciente, ele era uma pessoa, não é? Aliás, eu toda vida não gostei dessa palavra paciente.

E.: Ela é muito pesada?

C.: Ai, é, eu nunca fui...

E.: A, a senhora mencionou que naquela época algumas alunas eram reprovadas, não, não sei se foi na época da senhora em que algumas alunas também foram expulsas.

C.: Sim.

E.: A senhora se lembra disso, poderia nos contar um pouco do que a senhora se lembra dessa, dessa passagem?

C.: Bom, eu sei que teve alunas que foram expulsas da escola, não só pela, pela, parte de estudo, também com o comportamento, não é?

E.: E, e, e que comportamento era esse?

C.: E, quer dizer, não obedecia aquelas ordens exigida no internato, na residência, entendeu, não sei se ainda existe. Então, eu sei que aconteceu isto, você sabe, eu não entrava em detalhes, mas eu sei que isso aconteceu.

E.: A senhora não participava da, da parte administrativa?

C.: Não, não, não. Mas, eu sei que isso aconteceu porque era muito rígido a residência, entendeu?

E.: A senhora não lembra de alguns detalhes dessa rigidez?

C.: Pois é, horário de chegada, não tinha com condescendência; horário de refeição, não tinha com condescendência, ouviu? Não era permitido fumar na escola, porque se fumasse eram repreendidas. Então tinha assim, coisas muito, muito, como tinha aqui na USP também, né, que eu também passei uns tempos aí, e sei como era exigente, né? Porque naquela ocasião que eu fiz administração hospitalar, era minha colega de administração a, a Loure, que hoje é diretora aqui, não é? Ela, ela, eu era uma senhora religiosa e ela antes dela morar na nossa casa no Pensionato da Consolação, ela morava na escola, e eu ficava muitas vezes com ela, porque ela tinha medo, ela era, era insegura, viu, e não sei o quê, então, às vezes eu ficava lá com ela e a gente via a rigidez da escola. Até outro dia eu estava falando com Vitória Secaf: “Nossa Senhora Vitória, vocês eram de amargar, heim?” [risos]

V.: É, falando em internato quando a senhora fez o curso na Luiza de Marillac...

C.: ... de Marillac.

V.: ... de Marillac, né? Como é que era, tinha internato também, também era assim?

C.: Não, não tinha internato.

V.: Não tinha internato?

C.: Não, não tinha internato.

V.: Todas as alunas eram então do Rio de Janeiro?

C.: Eram

V.: Não tinha nenhuma de fora?

C.: Não, elas moravam em pensionatos.

V.: ... as que eram de fora...?

C.: ... de fora, moravam em pensionatos.

V.: ... moravam em pensionatos?

C.: É.

V.: A escola não tinha sistema...

C.: ... ali perto, perto da escola tinha um bequinho, ainda tem até hoje um pensionato das Salesianas, tinha um pensionato lá, elas moravam lá. Dentro da escola mesmo nunca teve residência, não tinha espaço, não é, porque a escola era dispensário e era, porque não tinha espaço,.... que é onde hoje a irmã Ester está com um ambulatório muito bom, Irmã Ester Neves. A Ester foi minha aluna de obstetria.

V.: Hum. É, irmã Cecília, a senhora chegou a participar também da, enquanto conteúdo teórico, né, a senhora foi professora também da Escola de Enfermagem Hugo Werneck?

C.: Não. (...) Da Hugo Werneck, eu fiz muita palestra para elas em obstetria, entendeu?

V.: A senhora então não tinha relação com a...

C.: ... muita relação, imagina, com a...

V.: ... enquanto docente direta ou não, a...

C.: ... imagina, mas com uma amizade, tinha com a irmã Per..., Priscila, não é?

V.: Percília.

C.: Percília. Está aqui, né, no Santo Amaro!

V.: Ah!

C.: No Santo Amaro, cabecinha boa ainda!

V.: Ainda, boa! [riso]

C.: Ela e a outra brava, como é que chamava?

V.: Roland?

C.: Roland, também tá aí. [risos] Ainda bem que você lembra dos nomes. Tá aí na, na...

V.: Com essa história de uma escola tem tudo haver com as, outra história, escola, como tem a haver com a enfermagem de um modo geral...

C.: ... é, é, sim, sim.

V.: ... não é mesmo?

C.: Sei.

E.: A senhora havia tido antes de, de iniciar a entrevista que a senhora não tinha sido contratada, como é que era essa relação, é... A senhora não foi contratada, a senhora não foi oficialmente...

C.: ... eu não tinha salário, eu não tinha salário!

E.: ... professora. E também não tinha um contrato?

C.: Não tinha um contrato.

E.: Que dizer, isso era uma obrigação enquanto freira?

C.: Enquanto, é.

E.: É, ah, bom, e, e, e..., quer dizer, sei que a senhora ainda não terminou a história do período, mas eu estou me lembrando, como que a senhora saiu, foi enviado, a senhora que quis sair, porque o período foi curto no, a passagem da senhora lá?

C.: Foi curto, foi.

E.: Qual foi o motivo dessa saída?

C.: Por que terminou o curso de obstetrícia de, de graduação.

E.: Ah!

C.: Aí então, entrou quem? Botei a Vitória para ficar como... entendeu, porque a gente tem que saber é, quando a gente deve parar. Se tinha uma que precisava e que ia ser contratada porque já estava tudo oficializado, não é, botei a Vitória! Depois a Yole.

E.: Sei. Aí, a senhora saiu da...

[FINAL DA FITA 1 LADO A]

FITA 1 LADO B

E.: Acho que perdi a minha pergunta. [riso] É, além da, da atividade enquanto professora na escola a senhora exercia outras atividades em Belo Horizonte nesse período que a senhora estava na escola?

C.: Eu era responsável pela Clínica Obstétrica, do oitavo andar...

E.: ... do, do Hospital das Clínicas?

C.: ... de Clínicas, é. Eu era responsável, eu era enfermeira chefe de lá, mas com todas as, as responsabilidades que os professores me colocavam, não é, e eu tinha a Colméia, não é, que era uma proteção à mãe solteira, que nós começamos lá em Belo Horizonte. [barulho de sirene]

E.: É, é, é essa, nesse período, era financiado por quem, essa Colméia?

C.: Esmolas.

E.: E, e quem conseguia essas esmolas?

C.: É, o, a Aparecida Freire me fez uma vergonha tão grande, que eu esperava tudo disso, dessa Aparecida. [risos]

V.: Ham, ham.

E.: É nós a conhecemos.

C.: Numa célebre reunião assim, (inaudível) uma célebre reunião, pois ela não sai lá para contar: “Sabe o quê que essa irmã fez? E me levou para fazer? Foi para a porta do cemitério pedir esmolas!” [risos] Foi isso. Até na porta do cemitério...

E.: ... você levou Aparecida Freire junto.

C.: ..., até na porta do cemitério nós fomos pedir esmolas para manter essa...

V.: ... a Colméia.

C.: ... casa. Essa casa.

E.: E, e conseguia arrecadar...

C.: Conseguíamos, depois, elas fazia, as mãezinhas faziam trabalho, né, e eram vendidos, e depois o professor Clóvis Salgado deu um apoio para nós também.

E.: A senhora falou é, é, também do trabalho social na obstetrícia é, antes de ter essa casa, como era feito esse trabalho social ou além dessa casa como era esse trabalho social?

C.: Você percebe que essa casa foi uma necessidade sentida, nós tínhamos as mãezinhas na maternidade que não tinham, nós fazíamos o pré-natal daquelas mãezinhas que não tinham os seus maridos, que não responsabilizaram pelo filho, então, aquela que a família não aceitou, que ela não podia..., veio de fora, veio de outros estados, então, nós tínhamos que ficar com essas meninas, arranjar um lugar para elas. Isto é obstetrícia social, resolver o problema, não é, deu a luz, tchau tchau, passe bem, acabou-se a história não, começou a história, não acabou a história. A história começou, então, nós tínhamos, por isso começou esta casa. Eu tenho uma foto, muito bonita, se eu encontrar, eu vou mandar para vocês, o casamento de um menino que nasceu lá conosco.

V.: Ah!

C.: Isso já foram vários, mas esse foi tão bonito, que ele me abraça, ele me beija. “É você a minha primeira mãe, porque se não fosse você, eu não estava aqui.” No casamento, eu morri de vergonha, viu, todo mundo, ele vinha e me apresentava. Chique, né, porque hoje ele é um homem importante. A mãe trabalha aqui também e a mãe está sempre me procurando aqui, ouviu, mas... Então, a gente, viu o que é uma Obstetrícia Social? Quer dizer, a gente acompanhou os casos, foi acompanhando,

acompanhando, e viu que a gente foi vendo resultado daquilo que nós fizemos, conquistar, florescendo por aí, né?

V.: A Igreja Católica teve alguma coisa a ver com essa, a criação dessa casa em Belo Horizonte?

C.: Não. Não, aliás é uma coisa que a gente sempre fala, né? Por exemplo, quando nós fizemos um levantamento, eu e a Conceição Assunção fizemos um levantamento da prostituição em Belo Horizonte, não da prostituição baixa, mas da prostituição alta em Belo Horizonte a..., nós fomos apresentar ao bispo, era Dom João, não é Dom João...

V.: ... Rezende.

C.: ... Rezende, é. E, então, a Conceição usou uma expressão que eu achei muito bonita, ela disse assim: “Sua excelência, ela perguntou, o senhor pensa que Belo Horizonte, o senhor coloca Belo Horizonte dentro de uma [capa eucarística], mas o senhor não conhece as podridões que existe dentro de Belo Horizonte e não é só na classe baixa não, nós estamos aqui com os relatórios e podemos apresentar ao senhor,” entendeu? Então, mais não, nunca tivemos apoio, nenhum, ouviu? Como aqui também, esse nosso trabalho aqui também não tem apoio nenhum da igreja, viu.

V.: A senhora falou sobre, em Clóvis Salgado, a senhora teve alguma relação com a Escola de Enfermagem da Cruz Vermelha?

C.: Sim, eu era professora da escola, da Cruz Vermelha também. Obstetrícia, na época, eu que dava.

V.: Também em obstetrícia?

C.: É, eu que dava lá.

V.: Tinha alguma coisa a ver, a Cruz Vermelha com a Carlos Chagas?

C.: Não.

V.: Nada?

C.: Não, nada, não, ouviu? Mas formou muita gente boa, viu, naquela escola. Muito gente boa mesmo!

E.: Inclusive você!

V.: Inclusive eu! [risos]

C.: É? Muita gente boa...

V.: ... eu fiz o curso de auxiliar antes, 68...

C.: ... muita gente boa, como você, viu, mesmo. Nem, nem se compara, viu.

V.: É, irmã Cecília, a senhora foi presidente da ABEn de 57 a 60!

C.: Foi.

V.: Foi este período que a senhora também foi da, da Carlos Chagas, esteve em Belo Horizonte?

C.: Sim, estive em Belo Horizonte, também.

V.: A senhora que falar um pouquinho para gente dessa outra atividade, enquanto enfermeira?

C.: Bom, eu quando estive como presidente da ABEn foi uma, uma, uma situação assim, que eu nunca podia nem esperar que eu pudesse ser, mas eu toda vida tive isso comigo, eu defendia muito a minha classe, entendeu? Hoje, é que eu não participo mais dos congressos de enfermagem, mas eu tenho a relação de todos que eu participei, porque eu fazia questão de estar lá presente e não estar lá presente, presente não, presente pra colocar minhas opiniões, para dar minhas idéias e tudo mais. Então, eu acho que foi um dos motivos que me colocaram como presidente da ABEn. E você sabe que eu, também era, sou prima da Marina Rezende, né?

V.: Ah, é?

C.: Sou.

V.: Novidade! [risos]

C.: Sou prima da Marina Rezende, entendeu? E, ela brigou tanto, toda vida ela brigou comigo, na outra eleição, a Heloísa que trabalha comigo estava brigando: “Marina tinha razão, você não escreve nada!” E, o que Marina brigou comigo, por causa que eu não escrevia as coisas, ouviu?

E.: E aí continua, não adiantou a briga?

C.: Continua, continua. [riso] Não adianta, não adianta me esquentar. Aí então eu fui como presidente, foi uma ocasião assim, que nós tivemos, tive como secretária a irmã Percília.

V.: Irmã Percília.

C. Excelente pessoa, viu, uma secretária e tanta, e que foi uma época assim, muito boa para nós também, ouviu, na, na diretoria teve uma, uma, não foi, entendeu?

Porque eu, eu não entendo, é, diretoria briga e discorda, e não, teve uma, uma, uma diretoria que quer a... melhorar a situação de seus membros, não é, que quer fazer com que esses seus membros participem, chame os membros para a, a vir e pra estar com a gente. E nós tínhamos reuniões que a irmã Percília dizia assim: “Olha, você não vinha nas reuniões daqui, mas reuniões como nós estamos tendo aqui, agora, é que nós estamos conseguindo.” Eu ainda brincava: “graças a você, não é irmã Percília?” Ouviu? [riso] “Por que eu também não estou fazendo nada!” Mas foi assim, uma época muito boa para nós, ouviu, da ABEn, conseguimos a... fazer e era como eu dizia sempre: “gente, se nós não amarmos a nossa profissão, se nós não fizermos a nossa profissão, dar a ela o valor, quem vai dar? Quem vai dar? Nós é que temos que fazer isso, não é? Mostrar o que é realmente a enfermagem.” Foi quando eu fui chamada aqui para, na Semana de Enfermagem, na USP, né, para falar sobre a enfermagem, que a enfermagem estava perdendo o espaço. Então, eu disse pra elas que: “eu estava com quase quarenta anos de profissão e que nunca perdi meu, meu espaço, que eu nunca dei o meu espaço para ninguém. Nós perdemos, porque nós estamos dando o nosso espaço. Eu quero ver, eu lá na sala de parto ao lado de uma mulher dando informação lá na, na, na, no prioritário, quem vai tirar o meu espaço? Ninguém. Agora, eu vou cedendo, eu vou cedendo, então, nós perdemos espaço porque nós cedemos.” Aí, foi feita uma pergunta: “Por que o assistente social...?” Digo: “gente, olha o histórico da enfermagem, quando foi que veio o, o serviço social? Muito depois da enfermagem, como é que nós podemos pensar em perder nosso espaço, nós estamos dando o nosso espaço, perdendo não, porque perde quem dá. Eu nunca perdi e digo para vocês, se hoje eu voltar para enfermagem, eu vou ocupar o meu espaço e ninguém vai ocupar o meu espaço, porque eu não vou dar autorização para isso!” Então, é preciso que a gente saiba, por isso é que eu acho que a formação na enfermagem é muito importante, viu? Colocaram a enfermeira, não como aquela que obedece, aquela que tem que cumprir ordem, mas aquela que sabe! Aquela que sabe responder, então, nós temos que ter a nossa postura de enfermagem, passamos quatro anos na escola de enfermagem para depois ser mandada. Não, não tá certo isso, isso não! Não dá muito comigo não! [risos] Eu acho que a gente tem que ter a postura da gente aqui, de enfermeira mesmo, quer dizer: primeiro, amar a

profissão, se você ama, você faz aquilo, não é? Você, você está ali cumprindo aquilo que é o seu dever, não é? Agora, você (inaudível) pra voltar pra obstetrícia, não sei o que, (inaudível), pelo ou menos você podia ir para os estágios lá na, no Amparo Maternal (inaudível), não vou, eu, eu não tenho mais condições de ver uma, uma mulher na sala de parto em período expulsivo e às, aluna passar para outra aluna e ir embora. Eu não tenho coração, no, no, no, vai desmanchar aquilo que eu tenho em mim, então, eu não vou.

V.: Tá! Como é que a senhora vê então essa mudança no ensino da enfermagem da década de 50, que a senhora até dava aula pra depois, em 62 teve uma mudança no currículo, né, depois em 72 teve outra mudança no currículo e agora em noventa e... quatro, 95 teve outra mudança de currículo, como é que a senhora vê o ensino ou a enfermagem, formação do enfermeiro, nessa é, mudança de currículo? Quais as mudanças a senhora observa?

C.: Eu não sei, eu observo que a, a enfermeira está ficando muito no papel (...), estudo de..., estudo de caso, pesquisa de biblioteca, a maior biblioteca para nós, enfermeiras obstétricas, é a barriga da mulher, é ali que nós aprendemos, tocando piano na barriga da mulher, ali nós aprendemos, oh! O, o livro nos dá noções, mas o aprendizado é no campo, eu creio que... tá diminuindo muito o campo de estágio das alunas, diminuindo e sendo é, embargado pelos acadêmicos, que eu não aceito isso.

V.: Acadêmicos de medicina?

C.: De medicina, que eu não aceito isso, a, a, numa reunião médica, eles, eles ficam sempre esperando minha opinião, né, porque eu fico meio caladona, mineira boba, né, então.[risos] “Irmã, e o que, quê a senhora diz?” “Não, estou aqui assim, sabe...” eles estavam discutindo sobre, sobre sala de parto, não é permitido a enfermagem fazer parto (...), escutei, escutei, escutei, aí, depois um virou e depois ele disse: “Está bom, então, fica para a enfermagem, a enfermagem vai ficar a, acompanhar o trabalho de parto, o parto só exclusivamente do médico.” Eu digo: “parabéns doutor [batendo palma], o senhor nos deu a parte mais difícil! Estou felicíssima doutor! Quê, aparar menino? Qualquer pessoa aparar.” Agora, mas eles ficaram tão desapontados, quando eu falei isto, mas eles ficaram. “Doutor, o problema é esse que o senhor nos deu e eu estou muito satisfeita, se eu, se eu voltasse para a escola de enfermagem e eu ia botar

essas meninas formidáveis, que o senhor ia aparar os meninos com a maior facilidade.” [risos] Eles ficaram desapontadíssimos, ouviu, porque, não é isso que eles estão fazendo, eles estão tirando, quer dizer, eles, para eles o importante é fazer o parto, se o parto não é importante, o importante é acompanhar o trabalho de parto, que nascer o menino vai nascer se for bem acompanhado.

V.: Ham, ham. É.

C.: Então, eu acho que nós, as escolas de enfermagem estão precisando de voltar às fontes, de voltar no trabalho, ao lado do doente, valorizar o doente, saber da presença da, da paciente. Eu me lembro da, da auxiliar Meirinha, que eu tinha, que era da, do berçário, ela dizia assim: “Ah irmã, esses nenêns ficam gritando aí, a senhora entra aqui conversa com eles, eles se calam.” Eu digo: “mas claro o nenê...” “... Mas eu não tenho tempo de ficar conversando com o menino e não sei o quê.” Digo: “a hora que você ficar conversando com eles, eles não choram, mas enquanto você não conversa com eles, eles choram.” E nós fizemos uma experiência com o bebê de, é, mãe que usava tóxico, não é? Nunca se sabe, hoje, hoje, eu não sei lhe responder se a, o procedimento era esse, na nossa, na nossa época lá de, de professora a, o bebê tinha que tomar uma dosagem do tóxico, não é, então, eu diluía bem certinho e pedia. “Mas irmã, a senhora é covarde em?” “Minha filha, ainda não tenho coragem de fazer... isto no bebê.” E era feito no bebê, porque tinha crises terríveis, né, não era convulsão, mas era grito, grito, grito, grito e nós começamos a fazer o seguinte: quando o bebê começava, nós pegávamos o bebê e apertávamos bem ele conosco, ouviu, e à medida que o bebê se sentia bem com a gente, ele parava de gritar, não precisava da dose, da dosagem de medicação, então você vê, se um bebê, acontece isso com ele, agora, você imagina o adulto doente? Quanto bem deve fazer a nossa presença com eles! Então, eu acho que a presença da enfermeira, da aluna, habituar a aluna, que ela sabe que sua presença é, é importante.

V.: A senhora vê então, que quando a senhora fez o curso, o enfoque maior do curso então era essa relação...

C.: Aluna, paciente.

V.: E a aprendizagem acontecia na...

C.: ... no campo.

V.: ... no campo.

C.: ... no campo, ali no momento.

V.: Ah! Como é que era então essa, é, é, esse período, quando a senhora estudou? O tempo todo ficava mais no campo?

C.: Mais no campo, então, nós tínhamos por exemplo, hoje, agora no momento está tudo calmo, a obstetrícia está calma, então nós vamos pra sala, então nós vamos reatar o que nós aprendemos no campo e desse, e desse nosso relatar vem a parte complementar, que é, poderia...

V.: ... que é a teoria?

C.: É, teoria, vem a parte complementar.

E.: Isso tanto na, na época da senhora aluna como a senhora como professora?

C.: Como professora.

E.: Mesmo na graduação?

C.: Mesmo na graduação nós fazíamos muito isso, viu? E elas brincavam: “Estou aprendendo a tocar, a tocar piano!” Quando eu me lembro do professor Guimarães, uma vez, examinando uma mulher conosco ali perto: “Estão vendo, aqui está o polo pélvico, aqui está o polo cefálico.” “Professor, eu não estou vendo nada?”

V.: Vendo com as mãos! [risos]

C.: “Você vai aprender a ver com as mãos.” E realmente, a gente vê com as mãos, ouviu? Então, eu acho que essa parte está muito falha no ensino de enfermagem, tem muito teoria, você observa na escola as alunas começam a ter revolta no último ano, porquê elas vão sentindo a sua incapacidade de enfrentar a sua posição de enfermeira ...

V.: ... prática.

C.: ... entendeu? Por que ela está, ela está insegura, agora se você dá isto bem, essa prática bem pra elas, elas vão bem diferente disso, né? A enfermeira chefe da Amparo Maternal também foi minha aluna, ela estava dizendo assim: “Ah irmã, a gente está fazendo tudo aqui pra voltar, mas parto, os acadêmicos não estão deixando, nem a USP e nem a Paulista fazer.” Agora, você imagina, uma menina termina parto, termina obstetrícia fazendo um ou dois partos?

V.: Quando faz! [risos]

C.: Pra você ver, Não é? A episio, que episio bem feita a que gente fazia, tudo era, não é, tinha toda aquela coisa. Então, eu acho que a gente tem, se as escolas retornassem seria muito, devia ser um tema de um congresso de enfermagem, devia ser um tema de congresso de enfermagem.

E.: Qual o tema que a senhora daria?

C.: Volta `as fontes, como que nós vamos preparar as nossas alunas, com o pé no chão como eu queria. Então, vamos botar pé no chão, vamos ver ali o quê, que nós vamos ter, a enfermeira que trabalha aqui comigo, ela queria fazer obstetrícia, eu digo: “bom, você já fez obstetrícia como auxiliar, tudo bem, mas só depois que você fizer uma prática de obstetrícia que você vai fazer obstetrícia, você não sabe nada para você fazer uma, um, um curso superior, vai esperar...” Ela já terminou o curso superior dela também, mas aconteceu que ela teve que ir para o Encor, então ela está lá com cardiologia, mas tem também a parte de obstetrícia, né? Então, mas ela vive dizendo: “Eu vou fazer obstetrícia.” Eu digo: “quando você fizer um bom trabalho de obstetrícia.” Ela me ajuda muito na periferia, né, na assistência o pré-natal na periferia, eu tenho um consultório na periferia.

v.: Irmã Cecília, a senhora fez o curso de enfermagem ou o curso de obstetrícia?

C.: Fiz o curso de enfermagem, terminei, comecei na Marillac e terminei na São Vicente duas matérias.

V.: É porque tinha um curso de, de obstetrícia separado...

C.: ... depois, era chamado Pós-Graduação em Obstetrícia, era esse o nome dele, meu diploma é assim.

V.: Ah!

C.: Eu fiz na Paulista este.

V.: Ah!

C.: Ouviu, em 52, foi a segunda turma da Paulista, entendeu? Depois é que juntou, não é, ficou tudo junto, mas eram separados.

V.: A senhora fez, mas a senhora fez o de enfermagem geral?

C.: Geral primeiro...

V.: ... depois pós-graduação...

C.: Terminei em 49, em 52 eu fiz o daqui, o de São Paulo.

E.: Quanto tempo?

C.: Um ano, porque eu terminei, entendeu, eu dei conta dos meus casos todos...

E.: ...nesse tempo...

C.: ... porque se eu não tivesse terminado...

E.: ... podia e tinha que se prolongar.?

C.: É, um relatório dessa grossura, sabe, nos arquivos da escola, é tudo por relatório, você pensa que era só fazer? Não!

E.: E tinha esses relatórios também na, no da escola de Enfermagem Carlos Chagas?

C.: Tinha, tinha, as alunas fizeram.

E.: Agora, isso ficou lá ou as alunas...

C.: Ficou na escola, ficou na escola, ficava na escola.

V.: Por falar em registro da escola, onde que era feito a administração, o material escrito da administração da escola no período das freiras?

C.: Lá mesmo.

V.: Na, na...

C.: ... na escola.

V.: Ficava esses registros na escola ou no Hospital das Clínicas?

C.: Na escola.

V.: Na escola mesmo?

C.: Na escola, no hospital não tinha não, não.

V.: Ah, sei. Irmã Cecília, como é que a senhora via enfermagem quando a senhora entrou ou aliás, desculpa, como é que a sociedade via o enfermeiro da década de 40, de 50, quando a senhora estudou?

C.: Muito diferente que vê hoje, era aquela pessoa que eles gostavam, tinham confiança, não é, e que tinha uma grande esperança nelas. Você vê, as pessoas chegavam nos hospitais e entregavam os, os familiares deles, né, assim, com todo carinho pra nós, não é? Não porque era freira, para qualquer uma que estivesse lá, que fosse enfermeira. Quando eu me lembro quantas vezes a Yole me disse: "Irmã que responsabilidade que a gente tem, né, como essas pessoas confiam na gente!" Eu digo sempre, porquê, você sabe que a nossa postura é muito importante. Se você tem uma postura, se você sabe se postar diante do médico, diante da, do paciente, ele te dá o

respeito, ele te agarra, ele vê os seus valores. Agora, se você quer ficar, acha que pra, se, ser igual fazer igual, não é assim, a nossa postura tem que ser uma postura diferente, não pode ser igual, não é, e a gente tem atitudes mesmo, né, assim, de seriedade, de coisa, pra você vê, aqui uma vez, trabalhei num hospital de periferia que eram só pobres..., não tinha nem médico capaz, todos eram, só eu era a pessoa, né, e na véspera do natal me nasce um bebezinho de quatrocentas gramas, e eu tinha, eu já tinha passado lá dois anos só, vendo o quê, que era hospital: “O quê, que faziam?” Eu digo: “não sei, como vocês sempre fizeram, eu estou acompanhando vocês.”

V.: Hum, hum.

C.: Dois anos, depois de dois anos comecei a mudar as coisas, né, e uma das coisa que eu fiz foi pedir autorização para fazer o natal, enfeitar o hospital, mas ficou muito bonito, os diretores gostaram muito. Na véspera do natal eu disse para eles assim: “olha, mas o mais importante é que o Cristo escolheu pra nascer no nosso hospital e eu quero que vocês todos vão fazer uma visita ao hospital. Nó menina, estou com uma sede, que você vai fazer? Quando você tiver um tempinho na diretoria vai lá visitar o Cristo.” [risos] Aí, subiu toda a diretoria, viu, para visitar. Eu, então, botei a fita toda na gruta, na hora que eles chegaram, abriu e estava escrito assim: eu escolhi para nascer aqui, sou o Cristo!

E.: O bebê?

C.: Todos choraram...

E.: ... o bebê...

C.: ... viu o bebezinho de quatrocentas gramas, saiu criadinho, bonitinho daqui de dentro. [risos] Bonitinho! Hoje, esse hospital é até da Paulista, assumiu esse hospital, entendeu? Mas todo pré-natal era comigo, nunca admiti doutora, não sou doutora, eu sou enfermeira! Ouviu? Não me dê o nome de doutora, sou enfermeira. Atendi todo o pré-natal de toda aquela periferia que havia no Parque Novo Mundo, né, que era terrível aquilo ali, todos faziam pré-natal conosco, ouviu, e davam a luz lá no hospital, o que antes eles não aceitavam muito, né, depois eu fui (inaudível) eles passaram a aceitar.

E.: Isso aqui já em São Paulo?

C.: Aqui em São Paulo, foi o último lugar que eu trabalhei assim, como funcionária.

V.: É, a senhora falou um pouco antes que, da, mencionou a Walesca Paixão, a senhora conheceu a Walesca enquanto ela estava em Belo Horizonte ou só depois que ela saiu?

C.: Lá no Rio.

V.: No Rio?

C.: No Rio.

V.: Por que ela esteve até 45...

C.: ... primeira semana de enfermagem.

V.: Quarenta e... ?

C.: A data, estou muito esquecida, mas foi lá.

V.: Quinquagésima sexta!?

E.: 46?

V.: 46, na década de 40...

E.: quinquagésima...

V.: 56...?

E.: 40, 49 deve ter sido.

C.: Lá na escola de enfermagem.

E.: 49.

V.: Lá em Belo Hori... não!

E.: Lá no Rio.

V.: No Rio.

E.: Não, quinquagésima sexta quadragésima sexta...?

V.: Quinquagésima!

E.: Ah, então foi trinta e...

V.: Foi antes, foi 40.

C.: É, é, foi lá com, com ela, com dona Laís. A Laís morreu?

V.: Sim, me parece que sim, ela era anterior da Walesca, né?

C.: É, é.

V.: A senhora tem alguma informação sobre a Laís e a Walesca, enquanto é, Escola de Enfermagem Carlos Chagas? Elas falaram alguma coisa para senhora, mencionaram alguma coisa do tempo que elas estavam lá?

C.: Não, eu não tenho lembrança, eu sei que eram muito queridas lá. Tanto a dona Walesca como a dona Laís eram muito queridas lá.

V.: A Walesca saiu de Belo Horizonte e foi para o Rio, a senhora sabe dessa mudança alguma coisa, Não?

C.: A escola do Rio estava passando por uma situação muito difícil, então por isso dona Walesca foi prá lá.

V.: Ah!

C.: Que você sabe a dona Walesca foi aquela enfermeira que sempre manteve isso que eu falo, aquela postura. Eu me lembro daquelas assim, todas, né, que mantinham assim, aquela atitude, aquela coisa, quando um, um, um dos congressos em Belo Horizonte foi muito bonito, me lembro da Domineuc ao meu lado, né, e a Marina lá falando, a Walesca também estava na mesa e a madre Domineuc pede a palavra. Quando a madre Domineuc pedia a palavra o povo ficava meio assim, né, ela pediu a palavra, falou, falou, falou, falou e a Walesca virou assim: “Mas, madre, tenha paciência madre, a senhora caminha 25 anos na nossa frente madre, nós estamos 25 anos atrás!” [risos] Viu! Foi um congresso assim, de muita conscientização, viu com muito bom gosto. Então, eu sei, que dona Walesca foi para o Rio por uma situação que estava passando a escola do Rio.

V.: Hum, hum. A escola do Rio?

C.: Do Rio.

V.: A de Belo Horizonte a senhora não tem informação?

C.: Não, não tenho.

V.: Nem depois que ela saiu, como ficou?

C.: Não, isso eu não tenho.

V.: Ham, ham.

C.: Não tenho.

V.: É a Marina, é, já que a senhora é prima da Marina Rezende...

C.: ... sou.

V.: ... ela falecida, né?

C.: É.

V.: Ela ficou pouco tempo em Belo Horizonte...

C.: ... foi.

V.: ... a senhora sabe o porquê que ela ficou tão pouco tempo em Belo Horizonte, sendo de Belo Horizonte?

C.: Ela trabalhou muito com aquela entidade, como é que chama? Era? Esqueci dessa entidade, ela viajava muito por isto!

V.: SESP?

C.: É, ela trabalhou muito pro SESP, foi. Então, ela viajava muito, muito...

V.: Que ela deu aula em Belo Horizonte, na Escola de Enfermagem Carlos Chagas durante um período muito pequeno.

C.: Muito pequeno, é, ouviu? Ela sempre dizia que ela não dava para ser professora não.

V.: Ah, sim, a experiência maior dela era não como...

C.: ... é, não como professora, ouviu? Mas fez muito bem a enfermagem!

V.: É verdade, é. Hum, hum. Bom mais alguma... Ah, só, nós esquecemos de perguntar, a senhora é mineira de onde?

C.: De Viçosa.

V.: De Viçosa!

C.: Zona da mata. [risos]

V.: Tem voltado lá, não?

C.: Agora, faz uns 3 anos que eu não vou lá.

V.: A senhora é de quando dona, irmã Cecília?

C.: Que eu nasci?

V.: É!

C.: Eu sou de 19, estou fazendo setenta e seis anos agora...

V.: ... de junho? De que ano?

C.: Dia 19.

E.: Pois é, dia 19 de junho...

C.: ... agora dia 19 estou fazendo 76 anos.

V.: 76 anos! Ah!

E.: Portanto de mil novecentos e...

C.: ... ainda não tive tempo de..., de 19.

V.: Eh, nasceu dia 19 também!

C.: Sempre.

E.: Ah, de, de, de 19 de 1919! [risos]

C.: É, é, 1919.

E.: Um duplo dezenove!

C.: É, e teve lá na nossa, lá na escola, quem colocou até lá, é, era lá na nossa escola, agora, eu não me lembro o nome dela, uma aluna da Escola Carlos Chagas, ela foi professora muitos anos na, na universidade. Ela aposentou, estava em Viçosa mesmo, esqueci o nome dela, era aluna da Carlos Chagas. Foi, o marido da minha irmã mais velha foi primeiro reitor da Universidade.

V.: Em Viçosa?

C.: Em Viçosa, ele foi aluno, ele foi professor, ele depois foi o primeiro reitor e ele que botou as mulheres lá, né, porque na escola não tinha mulher. Ele criou o curso de economia doméstica.

V.: Ah!

E.: Falar em mulher, como que era essa relação na época de entrada, por exemplo, de homens na enfermagem na época da senhora, ou como aluno ou como professor como é que era essa relação de mulher e homem, de homem entrar na, na...

V.: ... enfermagem.

E.: ... na enfermagem?

C.: Bom, eu, pra mim não teve, eu vi mais foi na Escola de Auxiliar da Cruz Vermelha, foi quando os homens começaram a entrar lá na Escola de Auxiliar da Cruz Vermelha, porque na Carlos Chagas eu não me lembro.

E.: Eles nem pleiteavam a entrada?

C.: Não, não. Nada, nada, nada.

E.: E, e a senhora enquanto a sua experiência de obstetrícia, é, é, quando começaram a aparecer os homens? O que era permitido ou tudo era permitido aos homens fazer na enfermagem obstetrícia? Como é que era essa relação?

C.: Olha, eu tive muitas restrições sobre isto, viu?

E.: A senhora é que teve?

C.: Eu tive.

E.: E porquê?

V.: Eu tive muitas restrições, porque eu acho que é um momento tão delicado da mulher, entendeu, que eu não sei se o homem tem essas habilidades que nós teríamos de fazer. Por exemplo, eu via pelos acadêmicos, entendeu?, eu tirava muito pelos acadêmicos, meu Deus como era difícil a gente ensinar aqueles meninos a palpar, como era difícil, como era difícil a gente dizer para eles assim: “o cheiro, aprendem a sentir o cheiro da mulher, o cheiro é muito importante, você faz um diagnóstico pelo cheiro.” “Ah irmã, pelo amor de Deus!” Um dia eles me chamaram: “Ah, não sei, uma hemorragia, não sei o quê. É hemorragia mesmo?” “O senhor observou? O senhor observou o sangue? Não tem nada no sangue? O senhor sentiu o cheiro? É hemorragia?” “Não dou conta de sentir!” Cheguei lá, era uma mola hidatiforme. Eu mostrei pra ele.

V.: Ah!

C.: “Percebe o cheiro, vai na outra sala, tem a outra mulher em trabalho parto, vai sentir o cheiro daquela mulher e venha sentir o cheiro dessa mulher aqui, examine o sangue daquela mulher e venha aqui calça luva, e vai examinar o sangue dessa mulher.” Então, ele, aí foi que ele percebeu que existe realmente um cheiro diferente, entendeu, então é difícil...

E.: ... e as mulheres percebiam isso com mais facilidade?

C.: Com muito mais facilidade! Por que é como eu disse, é uma coisa que é nossa, então nós sentimos isso com muito mais facilidade.

E.: E, a senhora disse que teve muitas restrições, que tipo de restrição que a senhora fazia, a senhora ou outras pessoas na época fazia ou até hoje, em relação a essa atuação dos homens?

C.: Eu, o que...

E.: ... o que era restrito?

C.: Ah, pra mim o que era restrito, era por exemplo, o toque. Que naquela época, você sabe que de manhã eram contadas quantas luvas de toque, quantos partos e quantas luvas de toque, de um, não podia se jogar luvas fora, tinha uma bacia para botar luva de toque.

V.: O controle era feito contando?

C.: O professor Guimarães, mandava contar pra saber quantas vezes a mulher foi tocada, porque durante o trabalho de parto ela poderia ser no máximo tocada três vezes e hoje você vê, um toca, outro toca, outro toca...

E.: ... faz um batalhão.

C.: ... falta de respeito total com a mulher, entendeu, entendeu o quê, que eu quero chegar pra vocês, que a enfermagem...

E.: ... então uma das coisa era o toque e o que mais?

C.: O toque, que, que eu acho muito importante, depois, são os, os certos palavreados também, que eles não tem o palavreado delicado com a mulher, eles não tem uma paciência por exemplo, de dizer para a mulher faça força, não, agora pare, agora não. Eles querem que a coisa seja feita de momento, eles não entende que no trabalho de, num parto nós podemos fazer nascer um, um, como é que chama aqueles que dão ataque? Como chama?

V.: Epilético!?

C.: Nós podemos estar fazendo nascer um epilético, num parto que nós fazemos, nós podemos estar dando a..., fazendo nascer um epilético por falta de, de proteção àquela cabeça, você está vendo o quê, que nossos alunos precisam de aprender hoje.

E.: Quer dizer, pra senhora então seria essencialmente a delicadeza deles?

C.: A delicadeza.

[FINAL FITA 1 LADO B]

FITA 2 LADO A

C.: Eu não me lembro o nome dele, ele era residente e eu cheguei na, na sala de parto, ele estava tendo, e a fazer, se, um período expulsivo e a cabeça., ele não aparou. Quando, ele era meio assim, quando terminou tudo ele virou e disse: “A senhora vai ler o meu relatório?” Eu disse: “Sou obrigada né, doutor?” Que professor faz questão, eu tinha que ler o relatório deles, para depois passar para o professor. Aí, eu disse: “olha professor, olha doutor, infelizmente eu vou lhe dizer uma verdade, o senhor colocou agora no mundo um epilético, porque não foi amparado essa cabeça, o senhor já sabe

que esse, essa massa cefálica foi jogada de contato com a, os ossos e ele pode ser um futuro epilético!” Ele ficou muito assim comigo, ele foi até grosseiro, depois ele me pediu desculpas e foi embora. Um mês depois, eu passo no, tinha os pavilhões lá, você se lembra né, como era? Então no pavilhão de neurologia, ele estava lá na, no arquivo, eu estou vendo aquele um rapaz muito bonito e depois ele me chamou. Eu disse o que, que é? “Eu estou fazendo um levantamento de epiléticos.” Fez um estudo e hoje é um neurologista, e acompanhou esse menino que ele fez nascer, ele conseguiu, ele fez um levantamento e ele foi ver que realmente que o maior caso de epilepsia predominante, dos partos em primeiro lugar e depois da queda. Mas em primeiro lugar, porque ninguém nasce epilético, né?

V.: É. A senhora falou de..., a senhora teve que ler o relatório pra ele naquele momento?

C.: Por que, quando ele, eles terminavam o parto, eles faziam um relatório, era obrigado.

V.: Eles?

C.: É.

V.: E a senhora enquanto acompanhando...

C.: ... eu tinha...

V.: ... docente?

C.: ... como eu tinha que ler o relatório, pra depois ir pra a mesa do professor, eu tinha que botar o meu visto, saber como nós éramos, qual, qual era nossa posição.

V.: É isso que eu queria resgatar, a relação da docência, no caso a senhora estava ali como docente, observando um aluno fazer uma determinada...

C.: ... sim. [risos] Residente!

V.: ... prática e naquele momento se fazia a..., avaliação dele!

C.: É, entendeu, e depois passava para o professor, se não tivesse o nosso visto o professor não lia o relatório, chamava. Dona Elza era mestre de ser chamada na sala do professor: “Dona Elza foi seu horário?” “Ah professor, não deu tempo!” [risos] Aí (inaudível) precisando do seu visto. Então, você vê, você está vendo, se a gente percebe, nós estamos deixando as pessoas tomarem o nosso lugar. (...)

V.: Como é que..., a..., a senhora falou que ficou com, atualmente a senhora não é, não exerce atividade como enfermeira, que a senhora trabalhou até um determinado tempo, depois, depois o quê, que a senhora fez?

C.: Que saí da, da escola de enfermagem?

V.: Isso.

C.: Continuo, continuei trabalhar com enfermagem nos hospitais.

V.: Hum!

C.: Ouviu? Por exemplo, quando eu fui pro hospital de, da Vila Maria, este de periferia, a USP mandou o seus alunos comigo, me pediu, se podia mandar. Então, tinha alunas comigo.

V.: Quando que a senhora saiu do hospital?

C.: Do, do Vila Maria?

V.: De todos!

C.: De todos, nós estamos, foi e..., 61, 88...?

V.: O quê, que a senhora faz, o quê, que a senhora fez depois de 88?

C.: Depois de 88, eu faço pré-natal, continuo fazendo isso aqui.

E.: A senhora falou num consultório de obstetrícia que a senhora tem na periferia.?

C.: Eu tenho um consultório, tenho um consultório, exato.

V.: O quê, que é isso aqui? [risos] Que a senhora está fazendo?

C.: É, é a confederação nacional, que foi eu que comecei, né, aqui.

V.: Fala um pouquinho para a gente sobre essa atividade?

C.: Essa atividade, tudo que nós ti..., que a gente pensou, a gente tem, foi uma necessidade sentida, então nós tínhamos na obstetrícia, o quê? Aquela mulher que não tinha mais condições de ter um parto, de ter mais filhos, aquela mulher que gostaria de ter um filho que não tinha. Enfim, então nós começamos a procurar uma resposta para essa, isso. O método da tabelinha não estava mais adequado a nossa época, entendeu?, não que ele deixou de ser um método científico não! Estudado por dois grandes cientista, é um método científico, mas não mais adaptado à nossa geração, porque ele é da década de 30, a vida das mulheres na década de 30, era muito diferente das nossas mulheres de hoje, portanto os hormônios não pode funcionar certinho, marcado, meio de, de ciclo, não pode, não dá certo. Então, a gente começou a pensar em que método,

como que a gente poderia a trabalhar, o quê, que a gente poderia ensinar as nossas mulheres no pré-natal, na lactação, o quê, que nós poderíamos. Então, começamos a ver que a, método da, da temperatura não eram todas mulheres que podia ter um, um termômetro, não é? Então, fomos vendo e um dia o professor Álvaro Guimarães chegou na, eu já tinha lido alguma coisa e ele chegou no amparo maternal de manhã, como era seu papel toda manhã, eu ia, empurra uma maca aqui e outra puxava, e ele bateu assim com a revista, ele me chamava de madre. [barulho da revista] “Madre, tem uma matéria aqui maravilhosa que vou passar pra vocês!” “Ah professor, lá quero saber de matéria, quero saber que eu ainda tenho oito mulheres que ainda vou buscar para fazer sutura, porque não deu tempo pra fazer sutura!” [barulho de ambulância] Por que era um parto em cima do outro, não dava para mim fazer sutura, mandava para os leitos e depois ia buscar ou suturava na maca mesmo. Depois, fui embora para casa, foi uma noite terrível de plantão, quando eu voltei no dia seguinte, eu disse: “Como é professor, agora eu quero saber, qual a novidade que o senhor vai me, vai nos dar?” Aí, ele falou sobre o método da ovulação. “Estou fazendo a tradução aqui, nós vamos estudar.” Então, começamos a estudar o método e a fazer as primeiras pesquisas com as nossas mulheres do amparo maternal, com as alunas que se, gosta..., quiseram fazer, então fomos fazendo isto e a gente foi vendo que valia a pena a gente ensinar o método da ovulação.

E.: O que era esse amparo maternal?

C.: É o que existe, da mãe solteira.

E.: Ah! Aqui em São Paulo?

C.: Aqui em São Paulo, que ainda existe até hoje. Que hoje, um dia eu comentei com a madre Domineuc, quando ela estava lá, agora ela não está mais por aqui, está em Guarulhos, então eu comentei: “madre, nós falamos, falamos de invasão, a senhora se lembra que nós fomos as primeiras invasoras aqui?” [risos] Que você sabe que, nós não podíamos usar o oitavo andar da maternidade, ficava assim de mãezinha solteira, ficava nas macas porque não tinha lugar lá no hospital escola! Um dia eu falei com ela: “madre isso não é justo, nós temos que dar um jeito!” Aí, ela olhou da janela e estava lá, aquele prédio lá da prefeitura fechado. “Vamos levar as nossas mãezinhas prá lá!”

Catou tudo minha filha, eu digo: “madre pelo amor de Deus!” Levamos tudo prá lá, com a cara e com a coragem, lá estava...

V.: ... invadiram o terreno!

E.: ... invadiram o terreno! [risos] Invadiu propriedade!

C.: Hoje é da universidade. [risos] Mas, então, fomos prá lá, ouviu? Então lá é que nós começamos o amparo maternal e depois quando o professor Guimarães deixou de ser o diretor da escola, ele então ficou com o amparo maternal, ele cuidava lá com a gente. Então, aí fomos, fomos vendo que valia a pena, né? Depois começaram a aparecer, a ver um, a CNBB fez um encontro aí muito grande, chamou a irmã Maria José Torres, que é uma médica, mas nunca exerceu a profissão, né, mas fez um curso lá na, na, em Roma, então ela veio e começou a dar, a..., para fazer um encontro nacional, CNBB se chamou nacional, quando ela soube que eu já tinha uma experiência com o método aqui no Brasil então, ela veio me convidar pra eu ir, eu fui e lá então nós fizemos o primeiro o contato e era uma excelente professora, dava uma aula brilhante, mas ela não tinha nenhuma, nenhum conhecimento prático do método, e eu já tinha conhecimento, que estava, já tinha feito todo o estudo do muco cervical, lá com o professor Guimarães e com as mulheres, e a gente colhia o muco e fazia. Então, aí, desse encontro nasceu o primeiro grupinho, aqui em São Paulo, de planejamento natural da família.

V.: E hoje, está essa coisa grande, esse grande trabalho...

C.: ... hoje está aí, e a gente fica assim pensando: meu Deus...

E.: ... atualmente vocês estão trabalhando só com esse da ovulação ou vocês estão trabalhando...

C.: ... e temperatura.

E.: Ah! Ovulação e temperatura!

C.: Temperatura.

E.: Esses são os dois considerados.

C.: ... são os dois...

E.: ... métodos naturais?

C.: Sim, tem ainda também...

E.: ... a tabelinha!

C.: ... a tabelinha, mas não adaptada as nossas, a nossa época, porque você sabe a nossa mulher hoje não fica mais com as janelas aberta, ela tem grade, então, tudo isso vai afetar o quê? A parte hormonal dela, não é? Ela sai daqui, vê um acidente ali, o que que vai alterar? É fígado? É estômago? Não, seu ciclo menstrual vai alterar, ouviu? Então, não é possível você enganar as mulheres, como continuam enganando dizendo que o método da tabelinha ainda...

E.: ... funciona?

C.: ... ainda funciona, não é? E tem também o método de (inaudível) viu? Foi estudado por um alemão, mas esse método, eu como enfermeira obstétrica jamais, eu, eu fico, eu costume dizer, eu passo uma coisa de dentro para fora, de fora para dentro, eu não sou capaz de passar. E esse método, ele, aplica..., aplicação dos quatro métodos, a mulher faz os quatro métodos, ela faz a tabela; ela faz o muco cervical; ela faz a temperatura e ela faz o toque do colo uterino, três vezes ao dia. Ela tem que aprender se ele está nesta consistência [aponta o nariz] ou se ele está nessa consistência [aponta a orelha], quer dizer, pra, pra mim que passei minha vida tocando colo de mulher, eu acho isso difícil! Eu digo: “como que eu vou passar uma coisa dessa! Cadê a higiene das nossas mulheres? Ca...” Então, vai ser, nós não ensinamos, ensina muito no Canadá, viu, usa muito.

E.: E, e, e de alguma forma nesse, nesse caso aí, a senhora está aliando a, o ser enfermeira com o ser religiosa?

C.: Com o ser religiosa, viu? Então, nós... geralmente, eles possuem...

E.: ... Esses são os métodos aceitos pela igreja?

C.: Olha, eu digo pra você que nós não, a entidade não tem credo e nem política, eu já fui até no terreiro de macumba! Nos espíritos, em todo lugar, eu já fui dá curso, entendeu? Por que nós, nós não, não estamos é, com credo [problema na gravação] [interrupção da fita] igreja, é o método científico, estudado por...

V.: É..., voltou. Pronto irmã, podemos continuar.

C.: Bom, um dos motivos que eu não voto, porque é, eu acho assim, muito caro, né?, hoje em dia, eu estou mais, estou pertencendo a..., ao COREN não é, agora mesmo votei lá um novo mandamento, né?

V.: ... ham, ham! [risos]

C.: ... então, então não vou, mas fico, agora mesmo a, a Maria Barbosa, é de Goiânia, uma menina inteligentíssima, né, ela fez a tese de doutorado dela, ela morou comigo, foram duas que moram comigo e fazem tese desesperada porque ela tem uma oferta lá pra mim, na tese delas. Então, ela vive falando: “Preciso de apresentar um trabalho no congresso, preciso de apresentar um um trabalho no congresso!” Eu digo: “Mas, precisa que congresso também ter um espaço para a nossa apresentarmos, ouviu? Então, é, agora a Heloísa vai., vai preparar um trabalho para apresentar num dos congressos, ouviu?”

V.: Hum, hum.

C.: Aqui da, das nossas pesquisas, dos nossos trabalhos, viu?

V.: Ham, ham.

C.: Então, eu, eu digo: “é um meio, um modo de divulgar, apesar de que nós não podemos fazer muita divulgação, porque nós não temos a, pessoal suficiente pra isto, né?” Agora, por exemplo, estou preocupada porque a, a [Alzaira] está querendo a..., nos dar, pagar por cursos, ouviu? Querendo que a gente vá pro nordeste, vai pra isso, vai pra aquilo e nós não temos um...

E.: ... pessoal?

C.: ... estrutura para isso, ouviu? Então, é por isso que nós também não fazemos muita divulgação.

V.: Hum!

C.: E depois também porque as pessoas geralmente, eles pensam que nós estamos falando em nome da igreja.

V.: Hum! Confudem.

C.: Nós não estamos falando em nome da igreja, nós estamos falando cientificamente, viu? Os nossos instrutores, são bem instruídos: “você vão falar o método científico, não é o método da igreja, é o método científico, estudado por cinco grandes pesquisadores, que ainda estão vivos até agora, não é, fazendo os estudos, fazendo as pesquisas.” Então, é isso que nós estamos ensinando, quanto à igreja, se nós estamos ensinando o que não vai contra a vida e nem contra a saúde, nós estamos ensinando alguma coisa que é da igreja, mas não é...

V.: ... especificamente?

C.: ... o povo dentro da igreja, é para todos, ouviu?

V.: Hum, hum.

C.: Então, é, foi o modo que eu encontrei de quando eu saí da enfermagem, na, de dentro de um hospital, o que eu achei que a gente tem que saber o momento do pôr do sol e do nascer do sol, então, tanto as alunas que eu tive, elas precisam de ocupar esse espaço que eu estava ocupando, então, elas vão pro os hospitais e procurei outro trabalho que a gente poderia fazer, né, que fosse útil a..., as pessoas, né, que a gente se sentisse assim, feliz de fazer um trabalho deste, não é, e de cada dia está criando. Nós, a confederação era mais conhecida exteriormente do que dentro do Brasil. Exteriormente nós temos um nome! Você não vê aquele pacote que eu estou mandando para a Espanha?

V.: Hum, hum.

C.: São livros nossos, que ele, que eles vão traduzir na, vão passar pra Espanha, ouviu? Então, eles têm um carinho especial! Não foi fácil, foi muitas coisas, coisas de briga, por exemplo, no congresso do Canadá, eu apresentei os nossos planos de trabalho com adolescente, o maior escândalo possível imaginário: “Mas como?”

V.: Congresso de quê?

C.: Congresso de..., da FIDAF, Confederação Internacional da Ação Familiar, éramos oitenta e dois países, então, foi o maior escândalo quando eu apresentei e, então, o professor Lanctot fala o francês muito bonito, né? “Mas como irmã Marta, a senhora, não esperávamos - (inaudível) auditório - não esperávamos isso da senhora!” Eu digo: “é o seguinte doutor Lanctot, os senhores aqui trabalham com americanos, com canadenses, agora, eu trabalho com brasileiros, a nossa realidade é muito diferente e nós vamos continuar a fazer o trabalho.” Eles, hoje, todos trabalham com adolescentes.

[risos]

E.: E porquê que para eles eram um escândalo?

C.: Por que eles diziam que ensinar a conhecer a fertilidade só pro casados.

V.: Ah!

E.: Ah!

C.: Que não era pra adolescentes.

V.: Agora, até para as crianças! [risos]

E.: Me diz uma coisa, me fala...

C.: Ah...! Que nós não estamos..., nós fazemos muita questão de dizer que nós não estamos ensinando o método, nós estamos ensinando a conhecer a fertilidade e se você conhece a fertilidade, você está usando o método, não é? Então, e muito bonitinha as nossas crianças quando eu contei pra elas, que na, na África, as mulheres usam a..., aí, essa doutora falou com as africanas: “Então, venha mostrar pra as ir..., pra irmã e as duas brasileiras que estão aqui, o quê é que vocês significam?” Aí, veio, sabe lá se tem um ritmo de dança, né, vieram dançando, todas com a flor vermelha na cabeça e se puseram assim, e depois veio um outro grupinho com a flor seca, um outro grupinho com a flor verde, depois um grupo grande com a flor seca. Quando elas estão menstruadas toda a comunidade sabe, elas usam essa flor vermelha na cabeça.

V.: Ah! Ah!

C.: Quando elas estão inférteis, elas usam a flor seca na cabeça, e quando elas estão férteis, elas usam uma, uma flor verde na cabeça.

E.: E, e como elas sabem dessa fertilidade?

C.: Elas conhecem pelo sentir a fertilidade, que a fertilidade é sentida na mulher, como a mulher senti que a menstruação chegou, ela senti que a fertilidade chegou, essa umidade, essa sensação de umidade de lubrificação.

E.: Quer dizer, elas já têm isso como conhecimento delas?

C.: Delas.

E.: Não ensinada por ninguém?

C.: Ensinada por essa médica.

E.: Ah, ensinada por essa médica.

C.: Foi.

V.: Só pra entender, a flor seca é quando elas estão...

C.: ... seca.

V.: ... infértil?

C.: Inférteis.

V.: A vermelha quando elas estão...

C.: ... menstruadas.

V.: Mas a menstruação...

C.: ... e a verde...

V.: ... não está relacionada diretamente a fertilidade?

C.: Mas, ela vai se, é..., você começa primeiro com a menstruação, depois é que vem a fertilidade.

V.: Ah, sim. O que antecede o período e..., que antecede a menstruação.

C.: É. Então, elas têm um ciclo, elas fazem um ciclo.

V.: Tá!

C.: Sabe o quê foi que nossas crianças viraram?

V.: Hum.

C.: “Ah irmã, já sei, quando vier minha primeira menstruação, já vou pedir mamãe, ela vai comprar uns brinquinhos vermelhos pra mim!” [risos] Olha a cabeça dessas crianças! Como diz...

E.: ... e a flor verde, significa o quê?

C.: Bom, a flor verde, fertilidade.

E.: A, a verde que é fertilidade...

C.: ... fertilidade.

E.: ..., a vermelha que é menstruação e a seca?

C.: E a marron infertilidade, está seco, está infértil.

V.: Ah..., entendi!

E.: E, e qual o objetivo delas mostrarem pra toda comunidade o período em que elas estão?

C.: O relacionamento delas com a comunidade, quer dizer, a vida delas é natural.

E.: Ah!

C.: Entendeu? Elas vêm tudo isso natural isso não é, e vou, nossa idéia o quê, que é? É esconder.

E.: Ham, ham.

C.: Ficou menstruada, ah, ninguém fala.

E.: É.

C.: Fica todo, as nossas crianças telefonam pra o pai e avisam: “Pai, hoje, tem bolo, minha primeira menstruação chegou!”

E.: Lá? [risos]

C.: Aqui!

V.: Aqui...

E.: Ah, sim.

V.: ... as que trabalham com, com esse método.

C.: Com nosso método, é.

E.: Curiosidade.

V.: Um dia desses, um casal, até um que está com Fernando lá em Arara de, (inaudível), tem, a criançada hoje está com cinco, seis aninhos, vai fazer quatro, cinco aninhos, ele foi dar o curso e, e ela sempre acompanha os pais, então, ele ensinou na mãe terra, como que a mãe terra, ensinou direitinho. Quando ele abriu a mãe, mulher, ela disse: "Pai, agora, sou eu que vou ensinar." O pai olhou para a turma assim, a turma... deixou, ela foi lá na frente, botou a mãozinha aqui e disse assim: "Aqui... - na da terra seca - ..., aqui pode... - na terra verde - ...; aqui não pode... - ainda fez assim, com os dedinhos; na terra seca - aqui pode." [riso] Bom, nós nos se...

E.: Não sabe o quê, que pode e o quê que não pode!

C.: Não sabe o quê, que ela quer dizer com esse pode ou não pode, mas que ela sabe ensinar, ela sabe! [risos]

E.: ..., é, é, a gente percebe pelo relato da senhora, que o tempo inteiro a senhora se dedicou a obstetrícia?

C.: Sim, né?

E.: Como que foi esse início e como foi esse dedicar-se, o quê, que levou a senhora, porque esse dedicar-se por obstetrícia, o quê foi isso?

C.: Olha...

E.: ... esse chamamento?

C.: ..., eu sentia assim, que a vida, entendeu? A, a, você tem uma vida na suas mãos, você vê, passar por suas mãos o primeiro momento daquela vida, aquele bebê que nasce, é uma, é um nascer novo na nossa vida. Então, eu digo sempre, pra todo o mundo que crítica de mim, médico mesmo fica bravo comigo, que eu digo: "que eu não tenho tempo de adoecer e nem tenho tempo de ficar velha." [riso] Por que, no nascer de uma criança gente, é uma expressão tão linda! Uma coisa tão maravilhosa! Se você sentir a experiência, como eu, eu já senti várias vezes, de assistir o casamento

de um, que passou em suas mãos. Eu fiz cinquenta anos de vocação há seis anos atrás, né? Eu pedi, que não queria nada, me obedeceram, só fizeram a missa, digo: qual foi a minha surpresa? O padre então, na hora disse: “Primeiro a Olambrê.” Por ter trabalhado na Olambrê, mandou todas as flores amarelas, lindíssimas! Para enfeitar a igreja. Depois, um, com o padre disse: “Se alguém gostasse, quisesse pronunciar?” Então, foi. Primeiro que levantou, foi um coronel do exército que nasceu comigo.

V.: Hum...

C.: Ai, eu queria morrer, viu, naquela hora. Depois, apareceu não sei, um outro que era de advogado, um outro, é, assim, são pessoas que..., a Prisciliana foi lá falar que foi minha aluna e que devia a vocação dela, que era a nossa irmã, né, a madre Domine..., a madre Cristo Redentor, Ir. Francisca, morreu naquele acidente, né, coitada, atropelada, também falou muito bonito, viu, que eu fui aluna dela, depois fui, fui, era no Hospital São Paulo e tudo. E no fim, uma mãe com bebezinho de vinte quatro horas, eu tinha feito o parto. [risos]

E.: Que coisa bonita, né?

C.: Ouviu? Então, quer dizer, a gente é apaixonada por isso, viu? Dizem, que eu não sei conversar noutra coisa a não ser obstetrícia. [risos] Gente, eu sou realmente apaixonada pela obstetrícia!

V.: É.

C.: Ouviu? Acho que me deu assim, muito ânimo na vida, viu? Um parto que eu fiz aqui foi muito bonito, viu, veio, veio uma turminha de menininho, eu conhecia essa menina, estava fazendo pré-natal dela, e falando com ela: “eu vou te levar para o amparo, eu vou te levar.” Esses menininhos de rua, né? Aí, veio um, dois correndo aqui: “Irmã, chega irmã, está nascendo, está nascendo!” “Onde que vocês estão?” “Estamos na ali debaixo da ponte!” Aqui na, na Vinte e Três de Maio, né? Chego lá minha filha, a menina está já em período expulsivo! E, agora? Deu a sorte, que eu peguei logo o meu material de parto aqui, tesoura, pinça. Aí, eles fi..., ficaram todos assim, na frente; fizeram uma fila assim, na frente os menininhos todos, e eu lá no chão com ela fazendo o parto. Quando nasceu o bebê acabou a fila, começaram a gritar. [risos] “Meninos, vocês têm que ficar na frente, isso não é coisa que se façam!”

Aí, terminado, eu levei para o amparo maternal, eles choraram, não queriam que fosse e tudo. “Depois, ela volta, mas hoje ela vai para o amparo maternal.”

V.: Hum, hum.

C.: Aí, levei para lá e ela foi ficar. Então, eu fico assim, né, fazendo os trabalhos sempre, que dizer, vou morrer enfermeira, ontem mesmo, corri o dia inteiro com a irmã (inaudível). [risos]

V.: A senhora falou antes sobre o pôr do sol, o nascer do sol e o pôr do sol, a senhora está vivendo, agora, o momento?

C.: Nascer do sol, quer dizer, a minha, assim, meu pôr do sol foi deixar o hospital!

V.: Sim.

C.: Agora, estou vivendo, o meu nascer do sol foi pegar esse trabalho aqui, não é? Agora, estou no pôr do sol, eles não sabem que eu vou entregar isso para eles agora desse jeito não. [risos] Agora, eu vou entregar para eles. Esse é um casal missionário; ela, ela é enfermeira. [falando baixo] Ai, deu uma briga na Secretaria de Saúde, porque ela pediu demissão, ela é de Bauru, eu fui dá o curso pela Secretaria de Saúde, ela se apaixonou pelo negócio e largou. Pediu demissão e saiu. Eu conheci eles desde de namorados, e ela, e ela é, e ele é psicólogo. Então, deixaram, eles foram fazer um trabalho voluntário, eles são missionários da família, eles já têm mais quatro casais que vão acompanhá-los, eles são missionários da família, eles recebem do dízimo, a paróquia paga para eles um salário e eles fazem por quatro anos. Eles passaram quatro anos aqui em Pirajú, deixaram trabalho lá, como se eles tivessem, tem grupos de: planejamento familiar, é gestação, é de pré-natal, de amamentação, de pré-menopausa e de menopausa. Tudo, não. Os adolescentes dão uma aula sobre sexo, sexo na, sexualidade que você fica impressionada de ver tudo que ele preparou, entendeu? Então, terminou, o dia que fez, terminou ele saiu, que o trato era esse, foram agora, estão no norte do Espírito do Santo por mais quatro anos. No fim de quatro anos eles vão para outro lugar. Mal sabe ele, que eu vou botar ele aqui. [risos]

E.: E qual quê é o novo nascer do sol?

C.: Foi esse aqui, agora, o novo estou pensando qual que vai ser, mas e o pesar de deixar minha periferia lá, no meu pré-natal! [risos]

V.: Lá vai ser um sol a pique o tempo inteiro! [risos]

C.: Deixar o meu pré-natal lá, o meu pessoal! Aqui, nós fazemos pré-natal, nós temos consultório aqui do lado, eu vou mostrar para vocês, né? Nós temos pré-natal aqui também. Não só dos que não podem, mas dos ricos também fazem pré-natal aqui conosco, entendeu? Planejam seus filhos, né, tudo. Tudo isso aqui nasceu comigo, só uns (inaudível) que não nasceram. Essa daqui era para ser abortada, essa daqui, viu?

V.: Mais alguma coisa que a senhora queria..., quisesse mesmo completar, falar sobre...

C.: ... eu acho que, eu acho que a história é essa, o que eu queria muito que a enfermagem voltasse as fontes, que a enfermagem assumisse o seu papel importantíssimo gente, como a gente vê o papel de, da, das nossas primeiras enfermeiras, né, a luta que elas tinham no hospital, de não ter nada aí no Amparo Maternal [barulho ao fundo], mas nós não tínhamos nada, nem luva, tudo era na mão, a gente, então, criar esse amor, quer dizer, vê se, vê se a aluna de enfermagem se realmente ela está pensando no salário ou se ela está pensando, que é ridículo, não é, mas se ela está, se ela ama essa profissão, não é?

E.: Que dizer, esse voltar as fontes que a senhora diz, é esse amor a profissão?

C.: Amor a profissão, ouviu, que ame, que veja, que não existe profissão melhor que a minha, porque eu digo, porque não existe profissão melhor do que a minha, ouviu? Todas são ótimas, mais a que eu faço é a mais importante de todas, porque sou eu que exerço, que faço, então, a gente tem que começar a se valorizar, que se a gente não se valoriza, não é, e você vê que a enfermagem fez uma bela caminhada pra chegar onde chegou, tem um histórico a nossa enfermagem, não é? Se a gente se educou pra colocar mesmo a história no papel mesmo, a enfermagem tem uma, uma história muito bonita.

E.: Já achei o, o novo é, é nascer do sol o, o livro da história da, da, da sua vida! [risos]

C.: Estou escrevendo. Agora, estou escrevendo mesmo! Viu? Por que é tanta coisa que a gente já fez, né, já andou por esse mundo a fora todo, agora, vamos começar os cursos de Manaus, eu vou fazer um relatório pra apresentar a eles, não é, que, como vai ser e eles vão custear esses cursos, viagem e tudo, viu?

E.: Quem é, é, esse curso foi pago internacionalmente, por uma entidade internacional?

C.: Não, agora, eles estão me oferecendo, eu não pedi, entende? Porque eu acho assim, que pra eu pedi teria que é, é, ter uma confiança muito grande, agora, eu acredito que eles também têm razão de ser, porque eu sei que se pedi e desvia-se as coisas, eu sei. Então, eu acho que a gente tem, é, foi como eu disse para eles: “olha eu vou fazer pra

vocês, mas não fica me exigindo as coisas, se eu não houver, não acontecer uma confiança eu não quero nada de vocês!” Agora, por exemplo, eles me deram uma ajuda para esse encontro.

V.: Vocês quem, que a senhora se refere?

C.: É na, é OSAI.

E.: Ah, OSAI!

C.: É. Então, eu digo: “Vocês pra, eu preciso que tenha uma confiança!” “Ah, a senhora teria que fazer um pequeno relatório.” Eu digo: “só faço relatório quando eu tiver o dinheiro na minha conta. Aí, eu passo a fazer relatório, por enquanto eu não tenho, não sei o quê, que eu posso passar.” Entendeu? Então, eles sabem que, que eu não brinco muito com eles não, sabe? Quer dá dá, não quer, não tem confiança não dê, e não fique me exigindo as coisas, viu? Então, eles é, dá, é muito interesse deles, eles viram muito o nosso trabalho, viu, viram muito nosso, quê, que nós estamos querendo, que nós não estamos preocupado com, com milhões de pessoas que não podem nascer, mas que nós ficamos preocupados com pessoas que devem nascer, em condições que devem nas..., em quais condições devem nascer, e que nós estamos preocupado, igual eu falei, vocês viram que nós recebemos um prêmio da ONU, não, para nossa maior surpresa, no ano da família, a Santa Casa recebeu prêmio da ONU por trabalhar com família. No Brasil, foi a única entidade, foram setenta e cinco países que receberam, no Brasil foi a nossa única entidade.

V.: Foi que ano?

C.: O ano da família foi setenta..., 94, né? É. (inaudível). Vieram entregar aqui com toda solenidade possível, imaginário, mas aí, a gente sempre nessa simplicidade da gente, né, nessa, nesse querer servir e não querer aparecer.

V.: Hum, hum.

C.: Ouviu? Isso aí, a gente não tem e pra enfermagem é como eu digo: “eu estou sempre à disposição.” Eu vou, estou estimulando a Heloísa, para ela apresentar um belo trabalho na enfermagem. No congresso de enfermagem.

V.: Que vai ser aqui em São Paulo!

C.: Se Deus quiser!

V.: Exato.

C.: Mas que, ela apresente assim, que, que possa criar um, um estímulo para as enfermeiras, querem fazer um trabalho desses, né? Existem tanta enfermeira aposentada, né, podia está fazendo um trabalho desse! [risos]

V.: Então tá, irmã, a gente então agradece muito a participação da senhora, muito obrigada!

C.: Eu que agradeço a minha pobreza e a minha riqueza, né, de estar com vocês, mais isso, mas eu vou colocar um, umas datas direitinhos, eu mando pra vocês. [risos]

E.: E as fotos?

C.: E as fotos, eu mando.

V.: E as fotos!

C.: Pode estar sossegada, que eu mando pra você. Entendeu?

V.: Então, está bom!

C.: Aí, você vai vê, deixa...

[FINAL DA FITA 2 LADO A]

[A FITA 2 LADO B NÃO FOI GRAVADA]

[FINAL DA ENTREVISTA]

FICHA TÉCNICA

Data: 05 de junho de 1996

Local: Sede do CENPLAFAM - São Paulo/SP

Nº de Fitas: 02

Duração: 90 minutos

Entrevistadores: Valda da Penha Caldeira

Estelina Souto do Nascimento

Conferência de Fidelidade: Geralda Fortina dos Santos

Traços Biográficos e Sumário: Geralda Fortina dos Santos